

ANTÓNIO TORRADO
E MARIA ALBERTA MENÉRES:
SOBRE UMA ESCRITA A DUAS MÃOS
OU DE COMO «A ALEGRIA É INDISSOCIÁVEL
DO TRABALHO CRIADOR»

Sara Reis da Silva

IE-CIEC-Universidade do Minho

sara_silva@ie.uminho.pt

1. Introdução

Na literatura portuguesa que tem como destinatário preferencial a criança ou no jovem, é possível assinalar a existência de algumas parcerias criativas ou de obras em co-autoria. Exemplificando, ainda que sucintamente, o que vimos de registar, são de assinalar alguns casos mais conhecidos e férteis, como o da já célebre dupla da série «Uma Aventura» (Caminho), Ana Maria Magalhães (Lisboa, 1946) e Isabel Alçada (Lisboa, 1950), a par de outros menos difundidos, mas igualmente profícuos, como são os de Natércia Rocha (Lisboa, 1924-2004), Carlos Correia (Castelo Branco, 1947) e Maria Alberta Menéres (Vila Nova de Gaia, 1930), que, em conjunto, assinaram os volumes da colecção «1001 Detectives» (Caminho), iniciada em 1987, ou também de João Pedro Mésseder (Porto, 1957) e Francisco Duarte Mangas (Vieira do Minho, 1960), no díptico composto por *Breviário do Sol* (Caminho, 2002) e *Breviário da Água* (Caminho, 2004). A estes cumpre juntar igualmente, embora num outro registo, muito contemporâneo, aqueles em que se constata uma associação intersemiótica e imprescindível entre o texto literário e o discurso visual, substantivada num conjunto significativo de obras situadas no universo do álbum narrativo, por exemplo, compostas em co-autoria por nomes como Isabel Minhós

Martins e Bernardo Carvalho ou Madalena Matoso, no âmbito do projecto editorial Planeta Tangerina, apenas para citar um dos exemplos paradigmáticos no domínio em questão.

É também (re)conhecida a proximidade afectiva e literária existente entre António Torrado (Lisboa, 1939) e Maria Alberta Menéres. Se as obras de ficção que compuseram e publicaram em co-autoria – além de livros didácticos, como *O livro aberto* (1975), um livro de leitura, destinado à 2.^a classe do então Ensino Primário, e de outros que organizaram juntos, como *Crescendo e Aparecendo* (1988), identificámos um total de quatro²² obras, que, de seguida, revisitaremos neste estudo – são o testemunho mais visível dessa ligação profunda, os diversos depoimentos que o autor de *O Veado Florido* (1972) tem vindo a partilhar, em contextos diferentes (Torrado, 2003; Torrado, 2005), vêm igualmente revelá-la abertamente, de forma sempre emotiva. Em textos evocativos como «Conhecemo-nos no início dos anos 70...», António Torrado confessa «Nunca experimentei outra parceria nem me apetece» (Torrado, 2003: 17) e recorda, por exemplo, a alegria que foi o trabalho colaborativo que, com Maria Alberta Menéres, desenvolveu no Departamento de Programas Infantis e Juvenis da RTP, entre 74 e 76, uma ligação, ou uma «comunhão de riso» (*idem, ibidem*: 16) à qual se juntou, também, Melo Frazão (1942-1995), amigo que viria a ser responsável pela ilustração de muitas das suas obras para a infância. E é dessa cumplicidade que nasce um programa dominical designado «Hoje há palhaços», mais tarde, mais concretamente em 1976, tornado ponto de partida de um livro homónimo.

2. (Re)leituras de obras escritas a duas mãos

Constituindo, assim, o número dois da colecção «A rã que ri» da Plátano Editora, a obra *Hoje Há Palhaços* é dada

²² Reconhecemos a existência de uma outra obra - *O mundo dos 3 bebés verrugas!* (Momos, 1993). Lamentavelmente, não nos foi possível ter acesso a este volume e, por isso, não pôde ser incluída neste estudo.

à estampa no referido ano (1976), com texto de António Torrado e Maria Alberta Menéres e ilustrações de Melo Frazão. Surge, pois, uma obra dramática, composta por onze textos, que viria a ser alvo de sucessivas reedições, a última das quais, em 2009, com a chancela das Edições Asa, com ilustrações da autoria de Nikola Raspopovic e diversas alterações nos textos que a compõem, pois as peças que integravam a edição original surgem, agora, repartidas por dois volumes: *Hoje Há Palhaços* e *Hoje Também Há Palhaços*. Analisaremos, neste estudo, a primeira edição desta obra.

Assim, os textos dramáticos que podem aí ser lidos correspondem aos *sketches* criados para televisão por Torrado e Menéres. Nestes, contam-se as aventuras e desventuras de Anacleto e do Emilinho, dois palhaços, interpretados, respectivamente, pelos actores Carlos Cabral e Rogério Vieira, a quem, aliás, o texto, na sua primeira edição, é dedicado: «Aos actores Carlos Cabral e Rogério Vieira, a quem Anacleto e Emilinho devem o rosto e corpo, dedicam os Autores este livro». A obra integra, portanto, como mencionámos, onze textos, sugestivamente intitulados: «A buzina e o búzio», «A escola a rir», «É entrar é entrar», «Elefantes e tirinhos», «Tapa o tapume», «Sapatos, sapatinhos, sapatões». «À sombra da chuva», «Um casaco aos quadrinhos», «Palavras e botões», «A prima do Anacleto» e «O Anacleto no consultório». As diversas situações nas quais contracenam os dois protagonistas – num jardim público, na escola ou na Feira Popular, por exemplo – são marcadas pela vivacidade dos diálogos, sempre rápidos e ágeis, e pela boa disposição, deixada transparecer nos jogos de palavras, nas sugestões auditivas (através, por exemplo, do recurso à onomatopeia), nos equívocos propostos e/ou nos trocadilhos, num especial *nonsense* («Numa esquina do campo, onde esquinas não há...») (Torrado e Menéres, 1976: 51)), na subtilidade dos apontamentos críticos, entre outros. Na verdade, não será difícil o leitor simpatizar com os dois «palhaços trapalhões, mafarricos, macacões...» (*idem, ibidem*), duas

personagens, ora risonhas, com um riso que parece, por vezes, descontrolar-se, ora rezingonas, ora toleironas (*idem, ibidem*: 13), mas sempre capazes de divertir. As situações recriadas ou as brincadeiras – passando pelo gosto por andar de bicicleta, pelo jogo do berlinde e do pião, até, por exemplo, ao brincar ao “faz-de-conta” –, as atitudes e, mesmo, os “conflitos” vividos entre Emilinho e Anacleto são, em muitos casos, comuns aos que são vivenciados pelas crianças e, assim sendo, é natural a empatia que os protagonistas despertam no leitor infantil. Note-se que, se o texto principal ou as falas das personagens são muito expressivas, o mesmo poderá ser dito acerca das didascálias, segmentos nos quais se revelam aspectos fundamentais quer para o conhecimento dos espaços, quer para a caracterização das personagens. As indicações cénicas, na verdade, integram importantes comentários, muitos tecidos em jeito oralizante – «Toda a gente sabe que os palhaços não têm casa (...). Toda a gente julga isso (...)» (*idem, ibidem*: 44). Acrescente-se, ainda, um apontamento relativo à essência particular das personagens da obra, ambas palhaços, porque, como regista Glória Bastos, este tipo de figuras, a par de outras como os fantoches, por exemplo, possuem uma «forte carga simbólica aliada ao ludismo, através de facetas como o exagero e a transgressão.» (Bastos, 2006: 252).

Uma referência, ainda, à composição ilustrativa da obra. Da autoria de Melo Frazão, as ilustrações distinguem-se pelos tons fortes (como o laranja e o azul-turquesa, por exemplo) e pelas formas geometrizadas e preenchidas a cor, sem sinal contorno, pontuando cada um dos textos e revelando, com discrição, alguns dos seus pormenores, designadamente dos cenários nos quais Emilinho e Anacleto se movimentam.

Já nos anos oitenta do século XX e, agora, no domínio da poesia, António Torrado e Maria Alberta Menéres publicam *O Livro das Sete Cores*. Assim, originalmente editado em 1983, pela Moraes Editores, com plano gráfico, ilustração da capa e ilustrações de Jorge Martins (Lisboa, 1940), trabalho reco-

nhecido com o Prémio Calouste Gulbenkian de Ilustração de Livros para Crianças (1984), este volume é alvo de reedição em 2006, com a chancela da Editorial Caminho.

Esta é uma das obras que substantiva claramente a parceria poética, muito criativa, dos dois autores. Trata-se de uma colectânea que tem como fio condutor, como o seu título cataforicamente estipula e o poema de abertura, intitulado «Introdução», anuncia, as cores do arco-íris. Este motivo inspirador é, aliás, notório em composições visuais como a que surge na folha de rosto e como aquela que acompanha o primeiro poema da obra. Aberta, portanto, com uma composição poética dominada por frases de tipo interrogativo – introduzidas através de advérbios interrogativos de lugar («Onde») e de modo («Como») ou do pronome interrogativo «Quem»–, que constituem uma espécie de mote para os sete poemas que se seguem, a compilação integra textos poéticos ostensivamente apelativos e muito variados, tanto ao nível da forma, como do conteúdo. Assim, neste livro no qual «poisaram as cores», como metaforicamente, se esclarece no poema inaugural, incluem-se composições muito extensas, muitas vezes, em uma única estrofe, colocadas na voz da própria cor tornada protagonista, ou seja, com um discurso na primeira pessoa verbal, como sucede com «O Vermelho» ou «O Verde», a par de outras mais contidas, mas igualmente em tom biográfico, como «O amarelo». Alguns poemas evidenciam um cativante tom dialógico, como se constata em «O anil».

Comum a todos os textos é a própria evocação ou mobilização do campo lexical e/ou semântico relativos à cor “homenageada” em cada um dos poemas. Por outras palavras, quando se poetiza a cor vermelha, regista-se a existência de flores como as papoilas, as rosas, os cravos, os gladiolos e as sardinheiras, além de surgirem, ainda, evocados o fogo, o vinho, as touradas, os rubis, as joaninhas, os rabanetes e as melancias. Ao amarelo associam-se a gema, o sol e o ouro, enquanto ao verde, por exemplo, se relaciona o lagarto, o ga-

fanhoto, a salsa, as nabiças, a alface, a hortelã, os mangericos, as algas, as heras, entre outros. Acrescentem-se que, na maioria dos casos, as ilustrações procuram mimetizar, sempre a partir de formas geométricas e de tons fortes e contrastivos, os elementos evocados a propósito de cada cor.

Notas dominantes nos poemas em pauta, além do forte visualismo e da sinestesia assídua, são o recurso à metáfora e à personificação. No caso desta última estratégia, parece operar-se uma (espécie de) humanização de cada uma das cores, tornando-se cada uma delas mais próxima do leitor, na medida em que é possível antever, nas suas intervenções, nas suas atitudes, gestos e interações a manifestação de vontades próprias (por exemplo, em «O Vermelho», dilemas e desconfortos (por exemplo, no caso de «O Amarelo»), indignações e conflitos interiores e “sociais” (como em «O Laranja»), de descobertas do eu e do mundo (como em «O Verde») e, até, de equívocos, transcritos, por exemplo, a partir de jogos de palavras e de sentidos, como em «Violeta, Violeta e Violeta». Outras temáticas, ainda, como o elogio da diferença ou a união surgem igualmente poetizadas nos textos em pauta, sempre num registo próximo do destinatário, muitas vezes por via do recurso ao cómico, e, por vezes, até evidenciando uma configuração profundamente metafórica, como sucede em «O Azul». Também uma certa tendência para a narratividade, como sugere o verso que fecha a colectânea («Cada cor, era uma vez...»), é perceptível na maioria dos textos poéticos que compõem a obra em estudo, salientando-se nestes marcas como a presença das cores “feitas” personagens vivas e a ficionalização das suas (inter)acções.

A obra encerra com as composições poéticas intituladas «Conclusão» e «Hino ao Arco-Íris». A primeira, pautada pelo tom coloquial e vivo, bem como por um subtil humor, dá conta de uma série de interpelações das cores e das suas famílias, uma vez mais, personificadas, agora todas reunidas, “ajeitadas” e “afinadas”, a

prepararem-se para o hino final, momento poetizado, portanto, no poema com que fecha a compilação: «— Vamos à rima! Vamos ao hino! — / gritaram todas as cores em coro. / E em coro cantaram / o hino do arco-íris» (Menéres e Torrado, 1983: s./p.). No texto poético conclusivo, arquitectado em quatro quadras, com versos em redondilha maior e rima cruzada e interpolada, recorre-se à repetição — «Sete cores» — e/ou ao paralelismo anafórico, jogando-se com os Algarismos sete, setenta e sete, sete mil e sete, setenta mil e setecentos mil. O ludismo no qual assenta a derradeira composição poética de *O Livro das Sete Cores* presente-se, portanto, pluralmente ao longo de toda a obra.

Já em 1984, Torrado e Menéres voltam a reunir-se e a compor *Histórias em Ponto de Contar*, um conjunto de textos narrativos escritos sobre desenhos de Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918). Originalmente publicada pela Editorial Comunicação, a obra foi reeditada em 2006, na prestigiada colecção Assirinha/16, da Assírio & Alvim.

Trata-se, com efeito, de um objecto estético bellissimo, resultante de um exercício criativo que inverte o processo mais comum ou tradicional, ou seja, as ilustrações decorrem do texto literário. Concretizando melhor, um conjunto de desenhos a tinta-da-china²³ do artista plástico modernista inspiraram Torrado e Menéres, havendo nestes o propósito de aproximar da criança esta arte tão peculiar, como se pode ler no final do volume, na secção intitulada «Biografias»: «Colher as cores implícitas e secretas dos desenhos de Souza-Cardoso e torná-los comunicáveis a uma fruição infantil, através da fantasia narrativa, foi a intenção de António Torrado e Maria Alberta Menéres, quando tocados pelo lirismo das imagens do pintor.» (Torrado e Menéres, 1984: 13).

²³ Em concreto, vinte gravuras pertencentes ao álbum *XX Dessins par Amadeo de Souza-Cardoso*, publicado em Paris, com prefácio de Jérôme Doucet, em 1912. Este álbum foi publicado, em edição especial, em Julho de 1983, pelo Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

Partindo dos sugestivos desenhos de Souza-Cardoso, Torrado e Menéres confabularam uma série de narrativas, anunciadas pelos «motivos plásticos» (*idem, ibidem*: 10), introduzidas por um belo e extenso trecho versificado e perspectivando vários «níveis de leitura ou de leitores» (*idem, ibidem*: 11). Tiveram como «recurso desencadeador da narrativa» (*idem, ibidem*: 7) uma mãe e uma filha, «ambas debruçadas sobre os desenhos por bordar e as histórias por contar» (*idem, ibidem*: 11). Tecendo e bordando, portanto, histórias - a do «reino pintalgado», a do «sonho do mar» e a «prodigiosa história dos galgos que o não eram e da lebre que ficou» -, o texto vai-se soltando, de forma evocativa, nesse convívio maternal. O discurso flui, num tom oralizante e coloquial, num registo que não deixa de lembrar o de certas formas narrativas do património tradicional oral, como o do conto tradicional ou o da lenda, por exemplo. Aliás, há mesmo passagens em que essa ligação surge explicitamente - «Conta a lenda que um moleiro tinha três filhas» (*idem, ibidem*: 35); «No tempo das mouras desencantadas (...)» (*idem, ibidem*: 43).

Síntese artística, que ostenta uma estética exemplar, *Histórias em Ponto de Contar* testemunha, uma vez mais, o impulso imaginativo dos dois autores, além de reflectir a sua visão lata da arte e, ainda, a sua vontade de a colocar ao alcance de um conjunto de leitores que, de uma forma ou de outra, se encontram em formação.

Depois da edição de mais esta obra repleta de complicidades, já no final da década de 80 do século XX, mais especificamente em 1989, na colecção «Asa Juvenil», coordenada por Ilse Losa (1913-2006), veio a lume *Uma História em Quadrinhos*, escrita por António Torrado e Maria Alberta Menéres e ilustrada por Rui Truta (1961-). Narrativa na qual a metatextualidade e a *mise en abyme* se afiguram estruturantes, este é um texto que prima pela forma como se transfiguram realidades inanimadas, patentes na horizontalidade de uma folha de papel, em seres personificados e cheios de vontade de

serem livres, de viverem longe da «terrível ameaça» (Torrado e Menéres, 1989: 22) e do poder de um impiedoso borrão.

O discurso desenvolve-se, assim, sempre em torno das aventuras e desventuras de uma folha quadriculada e dos seus «habitantes» (algarismos, por exemplo) que, a dado momento, se vêem atacados por um impiedoso borrão, que logo «engoliu uma quantidade de números desprevenidos» (*idem, ibidem*: 6). Outros algarismos conseguem escapar a esse «borrão, estragadão, papão, gigantão, comilão (...)» (*idem, ibidem*: 12), contrariando a sua vontade de conquista desse «território» ou «reino» (*idem, ibidem*: 14), mesmo perante a sua ambição desmedida: «Quem manda sou eu, / El-Rei Dom Borrão! (...) // Pequeno é o mundo / para a minha ambição. (...)» (*idem, ibidem*: 16). E assim os algarismos e a batalha naval registada na folha e aí celebrada transformam-se em seus opositores. O relato, sempre num ritmo animado, prende, sem dificuldades a atenção do leitor que procura rapidamente satisfazer a sua curiosidade e tentar perceber como acabará esta história cheia de números, de cálculos, de jogos, como o da Batalha Naval. Pontuado de vários segmentos poéticos, o texto acaba por ficcionalizar, em última instância, tópicos como a prepotência e a própria guerra, por exemplo.

Esta é, pois, mais uma narrativa reveladora do “espírito e da graça” da dupla Torrado-Menéres, desse par para quem riso/humor e trabalho andam sempre de mãos dadas. E é disso que dá conta a seguinte passagem evocativa dessa actividade criativa, muito cúmplice: «Quando, depois, no sótão da minha casa em S. Bento, onde muito trabalhámos, os meus filhos, no andar de baixo, nos ouviam rir, intrigavam-se. Tanto que um deles, depois de um dos nos nossos serões, me perguntou, com aquela serenidade reprovadora das crianças perante adultos mal comportados: “Vocês escrevem livros a rir...?” Acho que, agora, também eles adultos, já terão, por experiência própria, chegado à conclusão de que a alegria é indissociável do trabalho criador.» (Torrado, 2005: 104).

Uma referência breve, ainda, a um outro trabalho colaborativo empreendido pelos dois autores, em colaboração com a Comissão Nacional do Ano Internacional da Criança. Trata-se de um «livro de leitura recomendado para escola de pais», intitulado *Crescendo e Aparecendo*, publicado em 1988, com o apoio da empresa Milupa e com a participação de nomes irrecusáveis da sociedade portuguesa como João dos Santos, Matilde Rosa Araújo ou Manuel Abecassis. Volume extenso, no qual se compila um elevado número de textos ou reflexões acerca dos mais diversos tópicos que povoam a infância e/ou o quotidiano infantil, designadamente, como explicitam na sua introdução os organizadores, higiene e segurança, saúde infantil, fases do desenvolvimento, a educação, os direitos, entre outros, este livro distingue-se como um «Breve somatório de uma iniciativa (...) testemunho e tributo – testemunho do País que somos, tributo à criança que desejamos, hoje e no futuro, protegida, amada, respeitada e, porque eco precursor do homem vindouro, sempre como tal reconhecida.» (Torrado e Menéres, 1988: 15).

3. Algumas considerações finais:

As obras que revisitámos e relemos, marcadas por uma «viva voz» (Bastos, 2006: 291), por uma atraente jovialidade e pelo jogo humorístico, por exemplo, possuem, sem dúvida, um relevante lugar na História da Literatura Portuguesa para a Infância. O(s) seu(s) discurso(s) fluente(s), vivo(s) e sedutor(es), com contornos oralizantes e/ou coloquiais, ao serviço da ficcionalização de tópicos como o humanismo, a diferença, as desigualdades sociais, a infância e as suas vivências, entre outras, distinguem os volumes analisados nesta abordagem.

Com efeito, António Torrado e Maria Alberta Menéres, tendo iniciado a sua actividade literária ainda durante o período estadonovista e visto a sua obra galardoada com o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças em

1988 e 1986, respectivamente, desempenharam um papel importantíssimo não apenas na renovação, na conformação e na consolidação desse sistema literário, mas também na própria legitimação do lugar da criança e dos seus direitos²⁴ na sociedade portuguesa do pós-25 de Abril. Como poucos, souberam trazer para a sua escrita, rica em recursos (Gomes, 1997), o que de mais profundo conheciam sobre o imaginário infantil e, por isso, quando regressamos a estes textos compostos a duas mãos, não é difícil que a infância acabe por se patentear «tão inesperadamente no riso de um adulto (...)», porque, com estes, «A infância latente no homem já não se sente tão constrangida.» (Torrado, 2002: 60).

Referências bibliográficas:

BASTOS, Glória (2006). *O Teatro para Crianças em Portugal. História e Crítica*. Coleção Universitária. Lisboa: Caminho.

GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: Instituto Português do Livro e das Bibliotecas – Ministério da Cultura.

MENÉRES, Maria Alberta e TORRADO, António (1983). *O Livro das Sete Cores*. Lisboa: Moraes Editores (ilustrações de Jorge Martins) (2ª ed. – 2006, Caminho).

TORRADO, António e MENÉRES, Maria Alberta (1976). *Hoje Há Palhaços*. Lisboa: Plátano Editora (ilustrações de Melo Frazão) (Reed. em dois volumes: *Hoje Há Palhaços* e *Hoje Também Há Palhaços* – 2002, Edições Asa (ilustrações de Nikola Raspopovic).

TORRADO, António e MENÉRES, Maria Alberta (1984). *Histórias em Ponto de Contar*. Lisboa: Editorial Comunicação (sobre desenhos de Amadeo de Souza-Cardoso) (2ª ed. – 2006, Assírio e Alvim).

TORRADO, António e MENÉRES, Maria Alberta (em colaboração com a Comissão Nacional do Ano Internacional da Criança) (1988). *Crescendo e Aparecendo*. Lisboa: Instituto de Apoio à

²⁴ Recorde-se que Maria Alberta Menéres, por exemplo, entre 1993 e 1998, foi assessora do Provedor de Justiça para a criação da linha telefónica grátis *Recados da Criança*.

Criança.

TORRADO, António e MENÉRES, Maria Alberta (1989). *Uma História em Quadradinhos*. Colec. «Asa Juvenil»/46. Porto: Edições Asa (ilustrações de Rui Truta).

TORRADO, António (2002). *Da Escola Sem Sentido À Escola dos Sentidos*. Colecção «Cadernos O Professor». Lisboa: Caminho (3ª ed.).

TORRADO, António (2003). «Conhecemo-nos nos início dos anos 70...» in *CRILIJ – Boletim N° 4*, Dezembro de 2003, Porto: Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a Infância e a Juventude, pp. 15-17.

TORRADO, António (2005). «Testemunho: a experiência de escrita em parceria» in *No Branco do Sul As Cores dos Livros – 3º Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens* (Beja, 20 e 21 de Fevereiro de 2003) – Actas. Lisboa: Caminho. pp. 101- 106.